Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA

BIOGRAPHEM AND PHOTOGRAPHEM: STRATEGIES FOR WRITING A LIFE TRAGUEITÓRIA

BIOGRÁFEMA Y FOTOGRAFEMA: ESTRATEGIAS PARA ESCRIBIR UNA TRAGUEITÓRIA DE VIDA

Danimar Bonai
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Osório/RS, Brasil

Martha Giudice Narvaz
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Osório/RS, Brasil

Resumo

Esse artigo é baseado em recortes de uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida num programa de pós-graduação em educação, orientado pela linha de investigação intitulada “artes em contextos educacionais”. Buscamos forjar maneiras (im)possíveis de se escrever uma trajetória de vida com foco de estudo na construção da(s) masculinidade(s) guei(s) envolvendo questões atinentes a produção de corpo(s), gênero(s) e sexualidade. Para tanto, assumimos como estratégias metodológicas de investigação o biografema inventado por Roland Barthes, associado ao fotografema utilizado por Luciano Bedin da Costa (2010) a partir de Roland Barthes (1984) tendo em vista escrever uma vida através de imagens. Isso fora feito mediante a utilização de uma linguagem subversiva e maldita, inspirada em Paulo Leminski (2013). Essa maneira de lidar com a linguagem não se contenta em utilizar as palavras já dispostas, mas também se propõe a inventar termos novos quando os que aí estiverem não se adequarem aos itinerários de pesquisa por serem rígidos, hegemônicos e comportados demais. Nesse sentido, a trajetória passa a ser intitulada *tragueitória* que um jovem guei escreveu sobre si numa perspectiva biografemática. As (in)conclusões preliminares de pesquisa apontam na direção da transformação dos autores conforme escrevem, de maneira que esse exercício produziu paulatinamente um escritor-pesquisador-poeta-subversor-artista que percebe nas imagens e linguagens iminentes possibilidades de produzirem configurações de vidas diferentes do que elas são.

Palavras-chave: biografemas; fotografemas; linguagens;

BONAI, Danimar; NARVAZ, Martha Giudice. BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Abstract

This article is based on excerpts from a master's research project that is being developed in a postgraduate program in education, guided by the line of investigation entitled “arts in educational contexts”. We seek to forge (im)possible ways of writing a life trajectory with a focus on the construction of gay masculinity(ies) involving issues related to the production of body(ies), gender(s) and sexuality. To this end, we assumed as methodological strategies of investigation the biographeme invented by Roland Barthes, associated with the photographeme used by Luciano Bedin da Costa (2010) based on Roland Barthes (1984) with the aim of writing a life through images. This was done through the use of a subversive and cursed language, inspired by Paulo Leminski (2013). This way of dealing with language is not content with using the words already available, but also proposes to invent new terms when the existing ones do not fit the research itineraries because they are too rigid, hegemonic and well-behaved. In this sense, the trajectory is now called the tragueitória that a young gay man wrote about himself from a biographematic perspective. The preliminary (in)conclusions of the research point towards the transformation of the authors as they write, so that this exercise gradually produced a writer-researcher-poet-subverter-artist who perceives in images and languages imminent possibilities of producing configurations of lives different from what they are.

Keywords: biografemas; fotografemas; languages.

Resumen

Este artículo se basa en extractos de un proyecto de investigación de maestría que se desarrolla en un programa de posgrado en educación, guiado por la línea de investigación titulada “Artes en contextos educativos”. Buscamos forjar maneras (im)posibles de escribir una trayectoria de vida con un enfoque en la construcción de la(s) masculinidad(es) gueis que involucran cuestiones relacionadas con la producción de cuerpo(s), género(s) y sexualidade(es). Para este fin, asumimos como estrategias metodológicas de investigación el biografema inventado por Roland Barthes, asociado con el fotografema utilizado por Luciano Bedin da Costa (2010) basado en Roland Barthes (1984) con el objetivo de escribir una vida a través de imágenes. Esto se hizo mediante el uso de un lenguaje subversivo y maldito, inspirado en Paulo Leminski (2013). Esta forma de abordar el lenguaje no se conforma con usar las palabras ya disponibles, sino que también propone inventar nuevos términos cuando los existentes no encajan en los itinerarios de investigación por ser demasiado rígidos, hegemónicos y convencionales. En este sentido, la trayectoria se denomina ahora tragueitória que un jovem guei escribió sobre sí mismo desde una perspectiva biografemática. Las (in)conclusiones preliminares de

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

la investigación apuntan a la transformación de los autores a medida que escriben, de modo que este ejercicio produjo gradualmente un escritor-investigador-poeta-subvertidor-artista que percibe en imágenes y lenguajes posibilidades inminentes de producir configuraciones de vidas diferentes de las que están aí.

Palabras clave: biografemas; fotografemas; lenguajes.

Apontando os desejos de escrita

Esse artigo é escrito baseado em recortes de uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida num programa de pós-graduação em educação, orientado pela linha de investigação intitulada “artes em contextos educacionais”. A intenção aqui é construir através de um percurso fotogramático, ou sobre como escrever com fotos, a tragueitória de vida, de um dos autores desse artigo. Isso fora feito mediante a utilização de uma linguagem subversiva e maldita, inspirada em Paulo Leminski (2013). Essa linguagem não se contenta apenas em utilizar palavras já dispostas na língua portuguesa, mas também se propõe a inventar termos novos quando os que aí estiverem não se adequarem aos itinerários de pesquisa por serem rígidos, hegemônicos e comportados demais. Nesse sentido, a *tragueitória* se refere a trajetória de vida que um jovem guei irá escrever sobre si numa perspectiva biografemática a partir de Roland Barthes. Para isso, iremos atravessar e tensionar diversas maneiras (im)possíveis de viver a construção das masculinidades gueis que tentam dizer como as juventudes gueis devem agir no território escolar e sociedade afora em relação aos seus corpos, gêneros, suas sexualidades e subjetividades. Assim, iremos atravessar o campo dos estudos das relações de gênero e das escritas malditas na proposição de construir modos de subjetivação não lineares, cronológicos, coerentes e bem comportados, uma vez que a narrativa proposta aqui é multifacetada.

O sujeito e seu corpo foram tomados como campo de disputas de escritas diversas ao envolverem embates com a sociedade no que tange seus aspectos historicamente constituídos. O termo guei está sendo usado sob inspiração de João Trevisan (2018) mediante a obra “Devassos no paraíso: a homossexualidade no

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

brasil, da colônia à atualidade", onde o autor narra a construção histórica das homossexualidades no Brasil, desde a formação do país enquanto colônia até a atualidade e utiliza a grafia mencionada, ao invés de gay, no intento de forjar saberes inerentes ao contexto da pesquisa, sem que seja preciso importar todos os conceitos da matriz eurocêntrica. Ainda, sobre isso, Nelson Rodrigues (1993) fala em "síndrome de vira-lata" quando se dá excessiva importância aos saberes produzidos fora do Brasil, como se esses fossem indubitavelmente superiores aos elaborados aqui.

Nesse âmbito, desejamos fragmentar e fissurar as epistemologias historicamente alicerçadas em concepções que percebem as masculinidades gueis como uniformes, visto que existem múltiplos jeitos de se viver a construção da subjetividade guei, principalmente se levarmos em conta as relações de gênero e suas inúmeras configurações im/possíveis. A subjetividade que forjamos aqui é dada a ser artista de si ao tomar seu corpo e suas singularidades enquanto campos de experimentações diversos numa vida. A título de ilustração, podemos pensar que um sujeito guei que mora numa realidade periférica, negro, de matriz evangélica terá modos de viver a subjetividade bastante diferentes em relação a outro sujeito que mora no centro urbano, de classe média-alta, cristão-católico. O nível de estigma ou aceitação social desse jovem poderá sofrer mais ou menos resistência conforme o contexto disposto. Desse modo, entendemos que ser um sujeito guei não significa viver conforme os estereótipos hegemônicos sobre apresentar trejeitos na voz, no andar, nos gestos manuais, no olhar, entre outros. Da mesma forma que sujeitos heterossexuais podem vir a ter jeitos de ser mais fluidos, também consideramos relevante pontuar que a construção das masculinidades gueis podem ou não se constituir assim, não sendo esse um critério de inferiorização perante nenhuma outra maneira de viver a formação da subjetividade.

O conceito de subjetividade foi utilizado inspirado em Gilles Deleuze (2013) quando o autor diz que "a subjetivação é a produção dos modos de existência ou estilos de vida", no que tange viver ser feito mediante exercícios de experimentação com aquilo que nos acontece. Isso significa abandonar um eu coerente, rígido e linear para inventar uma subjetividade dada a atravessamentos de fluxos e

Volume 2026
ISSN 2319-0868

movimentos diversos. É importante não se demorar muito nos eventos onde as paradas são longas e constantes para viver sempre em travessias. Nesse sentido, afirmamos que talvez seja sensato experimentar aquilo que não a/prende, em sim o que faz pirraça, dança, dá piruetas e faz de si um campo artístico. Buscamos produzir uma subjetividade instável *mientras* um corpo falho em essências.

Como a estratégia biografemática poderá escrever uma vida?

De quantas maneiras é possível escrever, ex crever, ex crer, ex ver, ex crever diferente, escrever novamente diferente uma tragueitória de vida? Essa questão permite uma infinidade de respostas, porém nesse artigo assumimos como estratégias metodológicas para esse empreendimento o biografema inventado por Roland Barthes, associado ao fotografema utilizado por Luciano Bedin da Costa (2010) a partir de Roland Barthes a ser esmiuçado mais adiante.

A escrita biografemática tem seu modo operacional voltado ao que é ínfimo numa vida, que nessa ótica de interpretação deixa de ser necessariamente pequeno ou irrelevante. Desse modo, o que comumente é pouco valorizado numa vida passa, então, a ser objeto de atenção e investigação com a prática biografemática. Um olhar esguio; um botão de camisa faltante; o cabelo preso; um sorriso efêmero em meio a alegria exultante de outras faces são exemplos quase anedóticos de situações que podem ser empregadas para escrever outras tragueitórias escolares e de vida para além dos mundos perfeitos dos contos de fadas. Nas palavras de Roland Barthes (2003, p. 123, grifo do autor) “o *biografema* nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao autor que amo. Essas poucas anameses são mais ou menos *foscas* (insignificantes; isentas de sentido). Quanto mais se consegue torná-las foscas, mais elas escapam ao imaginário”. Os grandes fatos usualmente considerados como tais recebem um olhar diferente via biografema, não a ponto de serem desconsiderados, e sim no que tange a serem ressignificados de outros modos, nem melhores, nem piores, simplesmente diferentes. A biografemática trabalha por outras configurações de escrita de si e das vidas que ziguezagueiam pelo mundo.

BONAI, Danimar; NARVAZ, Martha Giudice. BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Esses fatos ínfimos numa vida podem ser captados e entendidos mediante os traços biografemáticos, que disparam possibilidades de construção de escrituras e, por conseguinte, tendem a formar biografemas. Para isso acontecer, temos o conceito de escritura que emerge ao transbordar a lógica daquilo que é usual e linear, pois inventam algo diferente. Roland Barthes (2003, p. 154, grifo do autor) evidencia que "a escritura é esse *jogo* pelo qual eu me viro, bem ou mal, num espaço estreito: estou apertado, arranjo-me entre a histeria necessária para escrever e o imaginário que vigia, iça, purifica, banaliza, codifica, impõe a mira (e a visão) de uma comunicação social". Assim, a prática biografemática subverte aos preceitos das grandes narrativas totalizantes dos sujeitos que buscam dar conta de tudo o que é relevante numa vida. Conforme os estereótipos são suplantados pelas escrituras, então temos a formação de biografemas. Roland Barthes (2003) aponta que os traços e fragmentos são aberturas dos desejos pessoais que se mostram enviesados nas minúcias das situações. Ainda, cada fragmento vale por si só, mesmo que esteja atrelado a outros.

Roland Barthes (2003) fala sobre a importância de escrevermos com o corpo, uma vez que nesse tipo de escrita o texto transborda a escritura, e coisas diferentes podem acontecer. O que era óbvio vira poeira e cega aquele que busca resumir tudo a uma única palavra e maneira de sentir o mundo. Escrever com todo o corpo também diz respeito a produzir e a ser produzido no mesmo instante mediante a fricção dada entre desejos-papel-mãos-glúteos-ouvidos-pernas-piscadelas-cuspidas-fungadas, não necessariamente nessa ordem. Cabeça baixa e alta, as mãos serpenteando, os desejos avoados, os glúteos saltitando, as muitas correntes energéticas atravessando um corpo em maldição-mutação. De repente, ou nem tão abruptamente, emergem textos-corpos-desejos sobre o papel e com o papel numa mesa servindo de receptáculo, num tipo de algo-alguns-algumas-alguéns-tudos-nadas paridos. O mundo acaba de receber mais habitantes ignotos que não irão se contentar com a obviedade da existência. Será preciso alimentá-los com rações de palavras, muitas delas e de diversas variedades embebidas em salmoura para que queimem as mãos de quem, porventura, buscar segurá-las com as unhas repletas de normatizações, normalizações, domesticações e sufocamentos.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Esses textos-corpos-desejos precisam de ar, asas e pernas para que corram por aí amaldiçoando o mundo cisheteronormativo com subversão e riso. Rir na fuça daquilo que é bem comportado, dito universal e hegemônico. Subverter e fugir das normas aprisionantes quando dizem que a forma de viver a subjetividade, por excelência, diz respeito a ser homem, branco, heterossexual, classe média-alta, cristão-católico. Cabe a transgressão, a resistência, e a subversão dos sentidos dos textos, dos corpos, dos sexos, dos gêneros das educações dados *a priori*. Essas palavras tornam esse artigo um tanto militante, uma vez que entendemos a importância de se sair das trincheiras epistemológicas de uma academia empoeirada, que reiteradamente defende uma pseudo neutralidade para pegar em palavras e escrevê-las como armas ao formar um arsenal literário que ajude a dar nomes àquilo que segrega a construção das masculinidades gueis e, por conseguinte, fissurar tais elementos. Assim, queremos produzir e afirmar as diferenças percebidas enquanto valoração, ao invés de segregação.

Recorremos às palavras de Guacira Lopes Louro mais abaixo para endossar esta escrita em relação aos desafios a serem estilhaçados quando envolvem a constituição das sexualidades, e vamos além ao recorrer também os demais atravessamentos incitados pelas relações de gênero, como classe, etnia, raça, pertencimento religioso e o próprio gênero, ou gêneros.

> Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular a (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (Louro, 2014, p. 87).

Assim, espatifar a perspectiva de subjetividades doentias quando se foge do modo cisheteronormativo passa-começa-passa-termina-passa por espatifar a culpa em desejar ser quem se quer a partir do momento em que são nomeados os processos de acordo com o conceito adequado a cada um deles. Doença, por

exemplo, abandona o quadro das patologias e se transforma em mais um aspecto subjetivo. A suposta natureza dos comportamentos abjetos necessita ser des-pida a ponto de ficar pelada, de virar piada, de não restar mais quase nada, a não ser uma lembrança fugaz, que não arfe os brônquios.

Nesse âmbito, é fundamental dar nome aos agentes envolvidos e questionar "quem tem medo do corpo, do sexo e do Gênero?" a despeito de um texto escrito por Martha Narvaz e Paola Zordan (2019). No decorrer do texto, as autoras tensionam as questões atinentes a produção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades na cultura escolar e além dela como algo dado naturalmente, mas sim envolto em arranjos políticos. Tais ações são planejadas enquanto estratégias para que determinados jeitos de viver sejam incrustrados na sociedade como eternos e imanentes formando-mantendo determinado tipo de sujeito como correto – o hegemônico, sendo ele branco, jovem, heterossexual, classe média, matriz religiosa católica-evangélica. Grupos-movimentos-ações como o Movimento Brasil Livre (MBL)[1] e o Escola sem Partido, por exemplo, estão por trás de planejamentos ancorados em argumentos deístas-naturalistas-geneticistas-moralistas de uma concepção humana binária e tudo o que se desviar daí passa a ser considerado dissidente-abjeto a ser extirpado/corrigido da sociedade. Martha Narvaz e Paola Zordan (2019, p. 27-28) reiteram que

> ora, falar em corpo, gênero, sexo, sexualidade, prazer e desejo incita a desvendar os mecanismos de sua produção, o que coloca em risco a ordem masculinista e racionalista vigente, assentada em discursos religiosos, colonialistas, elitistas e racistas, apoiados nos discursos científicos que se valem da biologia, para manter a norma do sexo-gênero como guardiã da moral cristã e da família tradicional.

Nessa perspectiva, os horizontes apontados pelas autoras para espatifar os binarismos de sexo e gênero são árduos em virtude que escola é um território de disputas e monopólios culturais, muito além de conhecimentos técnicos, ela também forma/ta sujeitos conforme suas normas bem comportadas. Subverter essas

[1] Mais informações no próprio site do MBL. Disponível em: https://mbl.org.br/. Acesso em: 20 mar. 2025.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

normalizações e viver a subjetividade de maneira fluída é o desafio de muitos estudantes ao longo de suas tragueitórias.

Na prática biografemática, pesquisa e vida se entrelaçam formando uma coisa só e a subjetividade é tomada como um campo de invenção artístico e multifacetado. Não existe o conceito teórico puramente abstrato de um lado e a vida banal desconexa dele no outro, pois, em outra medida, as teorias e as situações de vida vão se organizado e reorientando, sem objetivos prévios estanques. Estudar as masculinidades gueis enquanto diversos jeitos de se fazer homem guei nesse sentido, significa ocupar-se de elementos ínfimos vivenciados nos interstícios entre como se pensa, sente e se vive uma vida. Uma subjetividade dada ao trabalho biografemático inventa a si mesma e fissura o que engessa a escrita de si ao descolar o óbvio da realidade, no que tange utilizar o seu corpo como elemento de arte e/m combate. Cada ato pessoal de resistência, insistência e subsistência se transforma num movimento artístico dada a sua multiplicidade de im/possibilidades. Nesse contexto

> a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250).

Considerando a asserção dos autores citados acima sobre as masculinidades se darem enquanto configurações de práticas, podemos conjecturar inúmeras maneiras de se viver as masculinidades gueis para além dos estereótipos forjados e cristalizados socialmente, sendo que os mesmos são mais uma das maneiras de se vivenciar a construção da subjetividade guei. Ademais, tendo em conta os atravessamentos produzidos pelas relações de gênero, é relevante apontar os antagonismos e até contradições que tais subjetividades podem vir a adquirir entre si.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Fotografema como estratégia para escrever a vida através de fotos

O que nos vem das fotografias quando as encaramos-sentimos-beliscamos? Escrever com fotografias é im/possível de que maneiras? Encontramos em Roland Barthes (1984) na obra "A câmara clara: nota sobre a fotografia", pistas acerca da viabilidade desse empreendimento com fotografias. Câmara clara e câmara escura surgem no decorrer da escrita enquanto um jogo textual visando articular o trabalho do fotógrafo (*operator*) com o *spectrum* (aquele que é fotografado) com o *spectator* (cenário imediato envolvido, todos que olham, espreitam e esperam a fotografia acontecer) com o *studium* (contexto sociocultural que permite estudar a fotografia sob o viés histórico a partir de seus elementos construídos ao longo do tempo). Nessa ótica, a máquina fotográfica (objeto físico) seria tal como um "relógio de ver" o tempo passando e percebendo pessoas e coisas e o que mais poderá haver no mundo dispersos pela fotografia. Todo entendimento proposto em qualquer análise fotográfica é visto numa perspectiva tendenciosa devido a parcialidade que somos.

Outro aspecto relevante, na obra, aparece quando Roland Barthes (1984) menciona a noção de *punctum* (aquilo que punge, fere, mortifica numa fotografia), que integra este trabalho com fotografias. É um dos elementos mais importantes desse trabalho ao fazer com que sintamos, no contato com a fotografia, que o mundo pode ser experimentado de outros modos, que não a linearidade mortífera. Nas palavras do próprio Roland Barthes (1984, p. 85, grifo do autor) o punctum "é o que acrescento à foto e *que todavia já está* nela". Ao picar-mortificar o seu leitor, a fotografia também acaba por infectá-lo com algum líquido que o faz existir diferente, portanto, sentir diferente; pensar diferente; viver diferente.

Nesse exercício multifacetado, Roland Barthes nos dá pistas para entender as fotografias de maneira biografemática quando comenta que "[...] gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de 'biografemas'; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia" (Barthes, 1984, p. 51). Assim, detalhes aparentemente ínfimos e irrelevantes podem forjar biografemas ao subverterem a lógica das grandes representações uma vez que são, em outra

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

medida, valorizados – e dizemos nós – através da possibilidade de serem cheirados, lambidos, mastigados, sentidos, devido a sua infimidade, posto que são diminutos. As fotografias despretensiosas, sem pompa e circunstância, talvez sejam as que tenham maior capacidade de disparem mais traços biografemáticos. Um olhar esguio suspenso em meio a sorrisos radiantes; um cadarço parcialmente desamarrado entre roupas belas; uma postura à parte em meio a corpos desleixados são alguns fragmentos-ferimentos possíveis na escrita de uma fotografia. A partir daí, o sujeito que toca e é tocado pela fotografia se torna um leitorescritor e ela seu veículo para construir escrituras. Esse trabalho, então, pode ser denominado fotografema ou sobre escrever com fotografias. Luciano Bedin da Costa (2010) utilizou essa estratégia metodológica em sua tese de doutorado intitulada "Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller". Durante a pesquisa, o autor aponta que "a noção de fotografema foi composta a partir da conjunção das idéias de Roland Barthes acerca de biografema e de punctum" (Costa, 2010, p. 140). Mais adiante o autor supracitado aponta que

> o fotografema age na provocação entre dois corpos (escritura e imagem) colocados em dispersão, na tentativa de trazer (ou inventar) o drama no ato icônico, ou como diz Philippe Dubois (1994), o jogo que a anima a imagem. O fotografema coloca-me frente a dois regimes conectores e disjuntivos: se por um lado assumo a posição do sujeito epistêmico – EU ESTOU ALI, estou igualmente nisto que me separa. O fotografema flutua na incerteza. É a atestação de uma presença e o efeito de sua ausência (Costa, 2010, p. 140, grifo do autor).

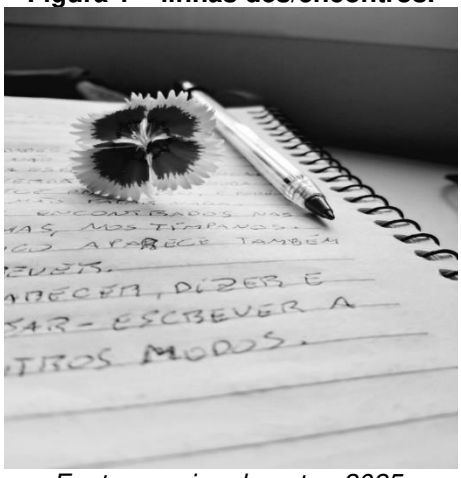
Utilizamos o fotografema nesse artigo como estratégia de investigação tendo em vista escrever com fotografias que de alguma maneira ziguezagueiam sobre e com a tragueitória de vida – escolar e acadêmica de um dos autores, sobretudo, sem buscar esgotar as interpretações inerentes às fotografias apresentadas. No comando dessa atividade, esteve uma mão frenética por sinestesias que busca encontrar, ou caso não encontrasse, inventar palavras que digam algo do que foi, ou do que talvez tenha sido, uma vez que a memória e o ouvido desse maldito escritor nem sempre são precisos, a idade o passa, a biologia cobra seu preço em relação a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

sua escuta com o mundo que, por vezes, convertesse em pó caindo entre as mãos quando intenta a todo custo agarrar a dentes aquilo que não é mais capaz – os seus dedos apodreceram. Parece que os dedos possuem fissuras, ou o pó das fotos é deveras escorregadio para ser segurado com as unhas veementemente cravadas no intuito de fazer sangrar verdades. O que existem são pacatas aproximações com a dita verdade hegemônica do tipo foi exatamente assim. Uma advertência: não reduza as fotografias aos títulos inventados abaixo. Provavelmente, os relatos com as fotografias se mostrem demasiado estranhos a uma primeira leitura, e já nos adiantamos, também a uma segunda, e (re)reitero, cabendo ao sujeito por trás da leitura efetuar suas subversões fotogramáticas.

Sugerimos, desse modo, a você que estiver percorrendo essas palavras que tome as fotografias abaixo e as leia com todos os seus órgãos possíveis, e caso não seja viável recorrer a todos, deixe por último a vista, ela é tendenciosa demais. Feche os olhos e perscrute com todas as fagulhas de silêncio e vazios que houverem, converse com elas, respire-as, acaricie-as, morda-as, dê piparotes em suas costas e tensione o que pode vir por detrás dos rostos, das caretas de felicidade-facilidade. Num último ato, sugerimos iniciar a investigação com as fotografias pelo ouvido, seguindo pela língua, após para os braços e assim sucessivamente. Talvez seja mais produtivo forjar fotografemas desse modo? Ah, quiçá as palavras utilizadas nas breves narrativas após as fotos não digam muito, sendo melhor considerar apenas as próprias (in)te(n)sões subjetivas do *leitorautor*.

Figura 1 – linhas des/encontros.



Fonte: arquivo do autor. 2025.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

encontros. des-encontros. poliencontros. estava à devir e a caneta soprava bem para qualquer lado. algo me entortou pelos dedos. ai, ai, ai, queria não. a mão se retraiu até atrair-se. querer doía. movimentar-se doía. canto da boca se movera. resmungos não sei bem o porquê. desejos chupando morfemas. desejos por escritas. outros sentidos com o corpo. ui, arrepiei, escrevo e trans-crevo. inventar linhas des/encontros e tirar o pó daquilo que é óbvio e comportado demais.

Figura 2 – arrestas.



Fonte: arquivo do autor. 2021.

sustentáculo. paredes. marcas. chão. pernas. braços. um espaço. muitas arrestas. num espaço muitas *arestatividades*. meninos jovens num território escolar. quaisquer modos. meninas jovens num território escolar. maneiras corretas. ah, doce-seca hegemonia. o que fazer? como fazer? espatifar e curvar-se. contudo, o que queriam? correr? pegar? abraçar? agarrar? bater? chutar? chupar uma bola? correr em virtude das bolas? correr atrás/lado/frente/com/sobre outro menino? agarrá-lo e cair em cima? e a dor? ledo engano. fora (quase) tudo intencional. um contato simulado. um pênalti bem-mal marcado. o VAR percebera tudo e deixara passar... o objetivo pairava sobre o prazer do contato. jogar se dava meramente enquanto uma pilheria juvenil. ninguém desconfiaria de nada. jogo de machos, né mano. contatos normais. espaço ocupado sem entregas de si. identidades preservadas. resolução: machos jovens demonstrando sua vibecilidade[2]. alguma testosterona circulava por ali. meninas não eram as disparadoras das circunstâncias. masculinidades hegemônicas. um campo de experimentações sem problemas, sem ser detectado,

[2] Neologismo proposto pelos autores com as palavras vil e imbecilidade.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

desde que o contato faltoso fosse gerado em performance de quadra; fora dela, a situação era diferente. o VAR[3] atuava de outro modo e a vigilância se fazia notar. bola rolando novamente. tudo permitido mais uma vez. mesmas regras. contato segue contato. pescoço para baixo é prazer. o sangue no canto da boca escancara a vibecilidade.

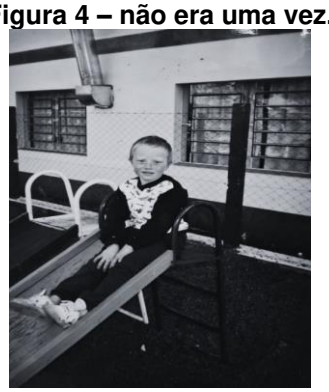
Figura 3 – dona norma.



Fonte: arquivo do autor. 2022.

regras, normas, limites. dona norma. nada morna. nem morta. o que fazer, como fazer, não importa o porquê. ser assim e não ser dado. virilidade para o menino. princesamento para a menina. para que tanto esmero, dona norma? seja morna, anagrama-mente falando. se essa escola te cola, que tal mostrar a língua para ela? e, se não for o suficiente, fazer tantas carretas ~~im~~possíveis. alguéns serão contaminados e a maldição terá se espalhado. ah, a manada só precisava de um estalo linguado.

Figura 4 – não era uma vez.



Fonte: arquivo do autor. 2003.

[3] Árbitro de vídeo.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

pintas, pontas, pin ta das. brincar, brinCUrar, brin caladas. olha das, regala das, pensa das. alegrias, energias, disposições, re c(U)eios, re creios em QUase nada. e, se (não) fosse diferente de como ele (não) era uma vez?

Figura 5 – vomitam.



Fonte: arquivo do autor. 2025.

caindo. levantando. ficando em pé-deitado. estáticos desde quase sempre? escrevem. gritam. apontam. cu-tucam. suscitam. vomitam daqui e dali, porque nem tudo cheira bem. a poeira da contaminação fede, por vezes. conseguem alargam alguns caminhos, outros simplesmente se estreitam. inventam vidas. possibilitam conjecturar caminhos a seguir nessa vidinha de interior. da monotonia à perversa maldição. as letras faziam desgrudar a coluna da cadeira e escutar o silêncio entre as intermitências. um pouco de mudez de si. algo havia lá para ser sacudido. pouco a pouco palavras eram vociferadas. ele estava entendendo como poderia escrever a sua tragueitória de vida. o que era fato, então, piscava de canto de olho ser uma fábula inventada. o conto não era de fadas nem de princesas, e daí? situação feiosamente linda. uma palavra como descaminho. uns jeitos de escrever ~~im~~possíveis à vista. princesos à vista. lida maldita.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 6 – (des)confiança.



Fonte: arquivo do autor. 2013.

estabilidade, segurança, (des)confiança. onde buscar tudo isso, se não as têm? poderá ser uma questão de confiar em si mesmo, saber de si e ok. não haveria nada a temer. por que recear aquilo que não existe? fantasmas não existem, pré-conceitos ante questões de gên(e)ro e sexualidade também não? ha ha ha – riu ele pelos olhos depois que moveu as pálpebras. deveria ser tudo coisa de cabeça quente inquieta, ou de línguas afiadas e corações secos de desejos. quando não se vive a própria vida, então bisbilhota-se as demais! as favas tudo isso! que nada, a mão teimava em se posicionar como forma de construir defesa prévia ante os ataques iminentes. parecia uma estratégia (in)d(o)ecente. as chances de enganar os outros aumentavam, porém somente os outros; quase tudo sendo escondido pelo receio dos outros. quem serão os nossos-outros-nossos? de onde emana tanto controle-disciplina? eles sabem mais acerca de nós do que nós próprios? saber controla. artista inventa e racha o poder.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 7 – reflexo.



Fonte: arquivo do autor. 2015.

dentro, fora, insólito, brilha, toca, deseja, não-atravessa. o mundo parece andar em festa (só hoje e amanhã). e quase todos querem ler livros para comemorar. quase todos querem escrever suas próprias histórias. quase todos querem sonhar pisando em qualquer risco de chão. quase todos querem o(s) bem(s), os seus bens? aqui, alguns desejos são escritos, outros, apenas sentidos. todavia, de que *livrejos*[4] se fala? daqueles que são escritos antes da caneta tocar o papel por pura presunção? ou da vida que dança e acontece a cada baforada no cangote da folha? quase tudo pode ser apenas o reflexo de desejos nunca tidos. a educação sem te(n)são é como qualquer coisa completa de vazio com nada.

Figura 8 – alter/idades.



Fonte: arquivo do autor. 2004.

[4] Neologismo criado pelos autores mediante as palavras livros e desejos.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

~~padrão~~. diversidade(s). desejos. diversas idades. alter/idades das diversidades. ~~padrões~~. junta-se os jovenzinhos, arruma-os. ainda assim, algo sai ao avesso. não deu tempo dela arreglar os desejos. tenra diversidade. pequenino(s) e já se entorta(m) no(s) pepino(s)! olhadela de certificação. pode ser apenas um gesto. podem ser outras possibilidades. importa, o quê? um gesto é apenas um dos jeitos. encasquetar, para que(m)? dissipemos as (in)formalidades? elas costumam engrupir. cuspir nelas. passemos aos desejos que (nem) todos (não) vemos. *feelingnos*[5].

Figura 9 – deslo(u)camentos.



Fonte: arquivo do autor. 2011.

confusões. muitas com as juventudes. in certezas também., e o que é que tem? movimentos. corpos em deslo(u)camentos. (quase) ninguém saca e nota. nas festas tudo é permitido, até mesmo ser quem se quer ser. chupa. ri. grita. chora. abraça. toca. deslo(u)ca. sente. mama. nada ninguém nota se nota. apenas uma festa de fantasias, que aponta subjetividades. grau colado. juventudes (quase) feitas. existências longas e breves. in confusões. fusões. subversões. agarrões. grilhões. des/continuam.

[5] Neologismo proposto pelos autores com a palavra advinda do inglês *feeling*, traduzida literalmente por sentir, associada ao pronome em português *nos*. Tal invenção é feita no âmbito de sentirmos e felinos – os animais humanos que sentem, porém nem sempre valorizam aquilo que não é do nível do pensamento racional, de modo que sentir é se tornar ENtornar inferior aos demais animais racionais.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

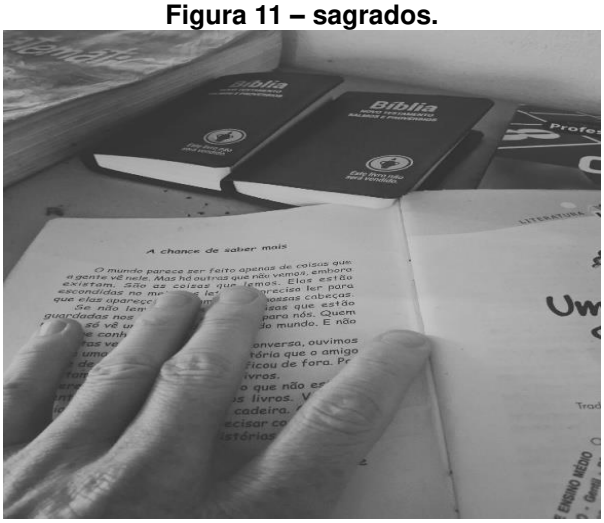
Figura 10 – entre/s.



Fonte: arquivo do autor. 2004.

entre comemorar ausências e sentir a vida em suas reticências. ambivalências. entre receber (pouco de) nada e fugir (quase) sempre de tudo. contudo. entre capturar um olhar e sacudir alguma sexualidade. maldade. entre definir um gênero e segurar uma mão com zelo. apelo. apego. entre a vida, as infâncias e o viver a vida, muitos entres nos atravessam. não cessam. entra. entre. resista. insiste. subverta. perverte. as portas ainda estão abertas, ou arrombe-as. entre/s sem ser convidado e experimente a vida.

Figura 11 – sagrados.



Fonte: arquivo do autor.

igrejas. escolas. cultos. es-colas. sagrados. pregações. ex-colas. visitar uma escola que cola nem sempre é uma experiência bendita. escolas que colam. es-colas que deslo(u)cam. des-colar(se). perversões. toques. leituras. invenções. devorar.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

demorar-se em que? salas, livros, cadernos, classes, quadros, bíblias. deslo(u)car(se). colocar(se). (nem) mais. quase tudo (não) é permitido e medido.

Figura 12 – mão-damentos.



Fonte: arquivo do autor.

coragens. barragem. bagagens. encarar nem sempre é (im)possível. assimetrias, discrepâncias, normalidades, divindadE. mas, mira se puderes! pão nosso de cada dia. pa(o)(u) nosso que alguma(s) mão(s) (hão) a de pegar um dia. amém. além. aquém. sejamos quem quisermos; quem não quiserem que sejamos. Deus está vendo tudo. qual Deus? por obséquio, não imponhas essa mão-damento peçonhenta.

In/conclusões de pesquisa

Uma pesquisa biografemática não busca concluir a sua temática investigativa no intento de obter resultados taxativos a ponto de esgotar o objeto, por outra via, se propõe a encontrar novas possibilidades de entendimento mediante o contato obtido durante a pesquisa ao sentir, revirar, subverter, perverter, cheirar, tocar e ao demorar-se de diferentes jeitos e sinestesias na investigação. Um dos autores do artigo ao realizar escrituras de sua tragueitória de vida, disparadas pelos traços biografemáticos, foi atravessado por tatos diversos que lhe incitaram a sentir que escrever uma subjetividade guei não finda ao terminar um texto. Esse exercício produziu paulatinamente um escritor-pesquisador-poeta-subversor-artista que percebe nas linguagens malditas através de fotografemas e biografemas iminentes

Volume 2026
ISSN 2319-0868

possibilidades de produzir configurações de vidas diferentes do que elas usualmente são. Com isso, as im/possibilidades de vivenciar a construção da subjetividade guei se mostraram diferentes do que aparentavam antes da pesquisa dado o caráter subversivo proposto pela investigação. O corpo foi percebido como um espaço de luta ao escrevermos uma vida a partir dele, e não sobre ele. Encerramos esse artigo com um breve excerto poético escrito pelos autores: entre o desejar e o querer é preciso considerar sobre atuar para deixar de sonhar, fazendo do viver um constante descer des-ser ceder ex crer exceder dar morrer viver de tanto aspirar o pouco ar-xistir que tem por aí.

Referências:

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Isso. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2023.

COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica**: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. 180f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução de Péter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NARVAZ, Martha; ZORDAN, Paola. Quem tem medo do corpo, do sexo e do gênero? *In*: RIZZA, Juliana Lapa; et al. (Orgs). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Editora FURG, 2019. p. 15-32.

BONAI, Danimar; NARVAZ, Martha Giudice. BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em: 21/06/2025 .
Aceito em:30/09/2025 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Danimar Bonai
Possui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (2015). Também possui graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2018). Foi bolsista CAPES PIBID História-licenciatura pela Universidade de Passo Fundo e bolsista CAPES PIBID Filosofia-licenciatura pela Universidade de Caxias do Sul. Mestrando em Educação pela UERGS - campus Osório (2023-atual).
Orcid https://orcid.org/0009-0004-8512-6178.
E-mail: danimar-bonai@uergs.edu.br

Martha Giudice Narvaz
Graduada em Psicologia (PUCRS, 1987), mestre e doutora em Psicologia (UFRGS, 2005, 2009), concluiu Estágio Pós Doutoral em Educação junto ao Departamento de Artes Visuais (UFRGS, 2020) sob supervisão da profa. dra. Paola Zordan (UFRGS). Especialista na área da violência doméstica (USP, 2000), tem sua trajetória profissional e acadêmica marcada pelas epistemologias feministas e estudos de gênero, com especial ênfase no enfrentamento das violências de gênero sofridas por mulheres e meninas. Professora adjunta na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) desde 2010, é Líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Gênero e Diversidades" e membro do Grupo "Arte, Corpo enSigno" (PPGEDU/Artes Visuais/UFRGS). Desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com enfoque interdisciplinar, articulando Estudos de gênero, Feminismos, Arte e Educação. Atua principalmente nos seguintes temais: gênero, corpo, sexualidade, mulheres, feminismos, violências, direitos humanos, diversidades, modos de subjetivação, práticas antirracistas e feministas, educação decolonial. Integra a Linha de Pesquisa Artes em Contextos Educacionais do Programa de Pós Graduação em Educação da Uergs. Investiga os processos de resistência feminina aos cânones patriarcais e colonialistas de gênero, com especial interesse nas artes e artivismos como dispositivos pedagógicos de invenção de outros modos de performar o feminino.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8430-9483
E-mail: martha-narvaz@uergs.edu.br.

BONAI, Danimar; NARVAZ, Martha Giudice. BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE

BONAI, Danimar; NARVAZ, Martha Giudice. BIOGRAFEMA E FOTOGRAFEMA: ESTRATÉGIAS PARA ESCREVER UMA TRAGUEITÓRIA DE VIDA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br